

## Estratégia de captação patêmica: o caso Ágatha

### Pathemic captation strategies: the Agatha case

Amanda Heiderich Marchon<sup>1</sup>  
Claudia Maria Sousa Antunes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca estudar, no dispositivo comunicacional, algumas técnicas discursivas que permitem a adesão do outro a uma determinada posição por meio de índices patêmicos. Como exemplificação desses procedimentos, parte-se da análise de textos da esfera jornalística, publicados por duas diferentes instâncias midiáticas, a respeito da morte de uma menina de oito anos durante uma ação policial no Rio de Janeiro. O recorte teórico para as análises propostas está ancorado nos pressupostos da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (2007; 2009) com ênfase no contrato de comunicação midiática e nas estratégias de encenação da informação. Além disso, são também empregados conceitos na perspectiva bakhtiniana (2003), que concebe os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” marcados historicamente, uma vez que estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais. Como resultados, advoga-se ser possível a percepção de um recorte específico do espaço social como estratégia discursiva para a captação do outro por meio da utilização de índices patêmicos.

**Palavras-chave:** Gênero do Discurso. Discurso Midiático. Argumentação. Patemização.

**Abstract:** This article seeks to study, in the communicational device, some discursive techniques that allow the adhesion of the other to a certain position through pathemic indices. As an example of these procedures, we start by analyzing texts from the journalistic sphere, published by two different media instances, about the death of an eight-year-old girl during a police action in Rio de Janeiro. The theoretical framework for the proposed analyzes is anchored in the assumptions of Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory (2007; 2009) with an emphasis on the media communication contract and information staging strategies. In addition, concepts are also employed in the Bakhtinian perspective (2003), which conceives genres as “relatively stable types of utterances” historically marked, since they are directly related to different social situations. As a result, it is argued that it is possible to perceive a specific part of the social space as a discursive strategy to capture the other through the use of pathemic indices.

**Keywords:** Discourse Genre. Media Discourse. Argumentation. Pathemization.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [claraeamanda@hotmail.com](mailto:claraeamanda@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade da Força Aérea, Vice-Reitoria Acadêmica, Programa de Pós-Graduação em Ciências Aeroespaciais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [claudia.sousa@yahoo.com.br](mailto:claudia.sousa@yahoo.com.br).

## Palavras iniciais

A partir da tendência atual de ampliação dos estudos dos discursos argumentativos de um enfoque eminentemente lógico (concernente ao *logos*) para a esfera do *pathos* (assim como do *ethos*), pretende-se mostrar como a instância patêmica<sup>3</sup> pode ser valiosa para a adesão do outro a um determinado projeto de fala construído a partir da conjugação do uso de estratégias argumentativas.

O estudo do *pathos* no discurso midiático tem ampliado sua presença nas pesquisas acadêmicas, dadas as evidências de que o discurso, ao construir uma realidade, marca também a imagem e a ideologia de um grupo social. Esse ponto de vista leva em consideração a análise das identidades e das relações de força que são instauradas entre os indivíduos em uma sociedade, como parte da dramaturgia do ato comunicativo (CHARAUDEAU, 2010).

Com suporte na análise dos índices patêmicos, aqui entendidos como efeitos de sentido que podem ser visados pelo locutor, busca-se mostrar as estratégias discursivas utilizadas pelos veículos de comunicação para atuar sobre o alocutário, de modo a captar a adesão de seu público.

A análise do *pathos* permite elucidar as vias pelas quais se estabelecem os sentidos na troca linguageira. O trabalho baseou-se na concepção de que, no âmbito dos estudos da linguagem, analisar a formação do *pathos* pode auxiliar no entendimento da interação pela linguagem e contribuir para um uso mais consciente dos recursos linguísticos à disposição do locutor.

A título de exemplificação dos procedimentos estudados, faz-se a análise de elementos paratextuais (manchetes, subtítulos, fotografias e legendas) presentes em notícias a respeito da morte da menina Ágatha, de oito anos, durante incursão policial no Rio de Janeiro. A coleta dos dados, originários dos jornais O Globo e Folha de São Paulo, foi dividida em duas etapas. A primeira parte do *corpus* é proveniente das edições publicadas nos dias 22, 23 e 24 de setembro de 2019, poucos dias após a morte da menina. A segunda parte se refere às notícias divulgadas nos dias 19 e 20 de novembro de 2019, quando novos fatos apurados foram somados às informações anteriores. A seleção do *corpus* foi motivada pelo fato de o acontecimento ter causado comoção nacional e internacional. Esta pesquisa insere-se nos estudos da enunciação, que tiveram em Mikhail Bakhtin (1995, 2011) a sua base. Esse autor reconhece o caráter social da língua ao afirmar que ela se realiza pela interação dos locutores. O princípio dialógico é constitutivo do pensamento bakhtiniano, pois sempre há o outro, real ou imaginário. Para ele,

---

<sup>3</sup> Entendida como a instância que assinala as “discursivizações que funcionam sobre efeitos emocionais com fins estratégicos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 372)

a interação verbal constitui a verdadeira substância da língua. Esse fenômeno social seria realizado por meio da enunciação, e não pelo ato fisiológico de sua produção, ou por um sistema abstrato de formas linguísticas (BAKHTIN, 1995). Para Bakhtin, a língua não pode ser compreendida dissociada dos conteúdos e dos valores que a ela se ligam.

Neste trabalho, segue-se o conceito de discurso conforme exposto por Maingueneau (2013, p. 57-62), para quem o discurso possui as seguintes características: é organizado para além da frase; é orientado (abrange os conceitos de “visada”, linearidade e finalidade); representa uma forma de ação sobre o outro; é interativo (interação entre parceiros); está contextualizado; é assumido por um sujeito (EU – fonte de referências, atitude, modalização, responsabilidade, fiador); é regido por normas (que levam à legitimação); e pode ser compreendido dentro de um interdiscurso (relacionamento com outros discursos).

Composto por uma expectativa de troca e pela presença de restrições de encenação, como as instruções discursivas e o contrato de comunicação, o ato de linguagem possui uma dimensão normatizada. Segundo Charaudeau (2010), ele é definido, também, pela posição de legitimidade do sujeito falante. Para que essa legitimidade seja garantida, é necessário que o falante garanta sua credibilidade junto ao enunciatário. Para isso, vale-se de estratégias discursivas de quatro diferentes tipos.

(i) o modo de *estabelecimento de contato* com o outro e o modo de *relação* que se instaura entre eles; (ii) a construção da imagem do sujeito falante (seu *ethos*); (iii) a maneira de tocar o afeto do outro para seduzi-lo ou persuadi-lo (o *pathos*) e (iv) os modos de organização do discurso que permitem descrever o mundo e explicá-lo segundo os princípios da veracidade (o *logos*). (CHARAUDEAU, 2010, p. 59)

O terceiro tipo (*pathos*), voltado para a sedução do interlocutor por meio das emoções e dos sentimentos, apresenta-se como um processo de dramatização. O objetivo pode ser seduzir ou, ainda, incutir medo ao outro. Uma “armadilha discursiva” feita para “aprisionar o outro nas redes de suas pulsões emocionais” (CHARAUDEAU, 2010, p. 60).

De acordo com Charaudeau (2007), na esfera midiática, os leitores podem ser abordados de duas maneiras: como *alvo intelectual* ou como *alvo afetivo*.

O alvo intelectual é considerado capaz de avaliar seu interesse com relação àquilo que lhe é proposto, à credibilidade que confere ao organismo que informa, a sua própria aptidão para compreender a notícia, isto é, ter acesso a ela. Um alvo intelectual é um alvo ao qual se atribui a capacidade de pensar. [...]

Um alvo afetivo é, diferentemente do precedente, aquele que se acredita não avaliar nada de maneira racional, mas sim de modo inconsciente através de reações de ordem emocional. Assim sendo, a instância midiática constrói

hipóteses sobre o que é o mais apropriado para tocar a afetividade do sujeito alvo. (CHARAUDEAU, 2007, p.80-81)

Em função dessa dupla abordagem, questionamos o que preside as escolhas efetuadas pela imprensa no que tange à estruturação midiática do espaço social na conversão do acontecimento em notícia.

Esse processo de dramatização pode ser melhor compreendido a partir da construção dos enunciados em diferentes gêneros discursivos, abordados na próxima seção.

### **A interação e os gêneros do discurso**

É possível compreender a questão dos gêneros do discurso sob diversos aspectos. Pode-se levar em conta a ancoragem social do discurso, a sua natureza comunicacional, as atividades linguageiras construídas, ou, ainda, as características formais dos textos produzidos sob determinada instância.

As teorias de gênero têm nos acompanhado há muito tempo, iluminando os aspectos das atividades de produção e de circulação dos discursos, pois os gêneros são entidades que funcionam na vida cotidiana ou na pública para a comunicação e para a interação entre as pessoas. Os falantes os conhecem e os empregam diariamente sem se darem conta disso.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 165), a noção acerca dos gêneros do discurso baliza o processo de interação: para o locutor, os gêneros são “índices sociais para a construção do enunciado (quem sou eu, quem é interlocutor, como este me vê, o que dizer, como dizer, para que dizer etc.)”; para o interlocutor, “os gêneros funcionam como um horizonte de expectativas de significação, como a extensão aproximada da totalidade discursiva, sua determinada composição, aspectos da expressividade etc.”. De acordo com Rojo e Barbosa (2015, p.18), as atividades que envolvem a linguagem, das mais simples, como uma saudação amistosa, até as públicas, como um discurso de posse presidencial, são realizadas por meio da língua e dos gêneros que as organizam e as estabilizam, viabilizando, desse modo, o entendimento entre os interlocutores. Cada gênero, portanto, corresponde a situações de interação verbal típicas (mais ou menos estabilizadas e normativas), vinculando-se a uma situação social de interação, dentro de uma determinada esfera social. Dessa forma, cada gênero tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e de destinatário.

Os gêneros correspondem a “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada campo da atividade humana (BAKHTIN, 2011). Como as possibilidades de atividade humana são inumeráveis, assim também o são os gêneros do discurso. Entretanto, isso não impede que se proceda a sua

categorização. Eles podem ser divididos em gêneros primários (simples) e secundários (complexos), no qual os primeiros integram os segundos (BAKHTIN, 2011).

Os gêneros do discurso primários correspondem àqueles formados na comunicação espontânea, tais como o diálogo cotidiano, o relato do dia a dia e a carta. Os segundos correspondem a discursos institucionalizados, construídos, como romances, dramas, pesquisas científicas, gêneros publicitários etc., que “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado...” (BAKHTIN, 2011, p. 263).

De acordo com o estudioso russo, cada esfera da comunicação apresenta especificidades que lhe são inerentes e que imprimem, no enunciado, três elementos que se coadunam indissolúvelmente: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Em perspectiva que leva em conta uma concepção institucional do gênero, que articula o “como dizer” aos fatores presentes no ritual enunciativo, Maingueneau (1997) considera que existe uma interrelação entre a forma e as condições de enunciação. Charaudeau (2004), em adição, afirma que o fato de a produção linguageira ser submetida a restrições pressupõe a aceitação da existência de gêneros.

Além das diferenças estruturais e linguísticas, os gêneros do discurso caracterizam-se pela diferenciação nas funções institucionais e comunicativas, decorrentes de sua integração às culturas nas quais se desenvolvem. Vinculados à vida social e cultural, os gêneros são fenômenos históricos situados, que estabilizam e ordenam as atividades humanas. Por situados, entende-se que eles devem ser estudados levando-se em conta seus propósitos comunicativos, a cultura da comunidade social em que estão inseridos e a história, e não considerados entidades estanques distanciadas da realidade (MARCUSCHI, 2005).

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

De acordo com Rojo e Barbosa (2015, p. 88), “o tema é o sentido de um dado texto tomado como um todo ‘único e irrepetível’, justamente porque se encontra viabilizado pela refração da apreciação de valor do locutor no momento de sua produção”. O estilo está atrelado às escolhas linguísticas que fazemos para dizer o que queremos com intuito de gerar o sentido que pretendemos dar ao enunciado. Essas escolhas podem estar relacionadas ao léxico, à estrutura frasal ou ao registro linguístico. Assim, todos os aspectos gramaticais estão envolvidos nessa

escolha que, de forma alguma, é inocente. Já a forma composicional está atrelada à organização e ao acabamento do todo do enunciado, do texto como um todo. Está relacionada ao que a teoria textual chama de “(macro/super) estrutura” do texto, à progressão temática, à coerência e à coesão da produção textual.

É pelo tema que circula a ideologia. Para o círculo de Bakhtin, o tema é mais que meramente o conteúdo, assunto ou tópico principal de um texto (ou conteúdo temático), ele é o conteúdo inferido com base na apreciação de valor, na avaliação que o falante ou autor lhe confere. É mister salientar que a forma composicional e o estilo são relevantes no texto não por si mesmos, mas para ecoar seus sentidos e seu tema, funcionando como as marcas linguístico-discursivas das apreciações valorativas do enunciador. De acordo com essa concepção, nosso *corpus* de análise é composto por textos midiáticos que abordam o mesmo assunto – não o mesmo tema – com a especificidade do gênero notícia. Conforme salienta Rodrigues (2005, p. 169), como os gêneros não são apenas forma, sua constituição e seu funcionamento só podem ser apreendidos em uma situação de interação social específica, na qual os interlocutores são balizados por determinadas regras que regem sua ação discursiva, conforme explica a Teoria Semi linguística do Discurso, a qual apresentaremos na seção a seguir.

### **A linguagem como encenação**

A Teoria Semi linguística apreende a linguagem como algo indissociável de seu contexto sócio-histórico. Nele, a linguagem emerge para satisfazer certas intenções vindas dos sujeitos em interação e para produzir efeitos por meio de seu uso. Essa forma de tratar a linguagem caracteriza-se por uma conduta de elucidação responsável por revelar a maneira pela qual as formas da língua são organizadas para atender determinadas demandas que vêm de circunstâncias particulares em que se realiza o discurso, o que vai ao encontro do pensamento de Bakhtin.

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2011, p.326)

Alicerçada em postulados bakhtinianos, segundo os quais a linguagem é vista como um constante processo de interação mediado pelo diálogo, a Semi linguística, portanto, considera que toda situação de comunicação é regulada por um *contrato de comunicação*. A noção de contrato proposta por Charaudeau (2009), ao levar em conta tanto a relação social de reconhecimento entre os interlocutores quanto a codificação discursiva que é própria ao

contexto sociocultural da interação social, aproxima-se, pois, do conceito de *gênero* postulado por Bakhtin (2011): “tipos relativamente estáveis de enunciados”. A relativa estabilidade pode ser associada à codificação do discurso, ao passo que os enunciados nascem da e na interação entre os sujeitos envolvidos no ato comunicativo.

Patrick Charaudeau (2009) aponta o conceito de *mise-en-scène* como central em sua teoria. O termo, oriundo do contexto teatral, toma a linguagem como uma encenação com, pelo menos, dois atores que se desdobram em mais dois, em relação de subjetividade (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). Esse ato comunicativo é constituído por componentes externos ao ato efetivo (o *fazer* discursivo) e internos (domínio do *dizer*). O âmbito externo apresenta como protagonistas aspectos situacionais e psicossociais. Do lado discursivo (interno), alinham-se os espaços de locução, relação e tematização.

Os dados externos que compõem o ato comunicativo são constituídos pelas regularidades comportamentais dos falantes, que efetuam trocas nas quais é possível detectar algumas constantes. Essas regularidades apresentam certa estabilidade, o que permite a atribuição de determinados valores à troca linguageira, configurando o quadro em que se situam os atos de linguagem.

Os tipos de condição de enunciação do ato linguageiro a que os dados externos fazem referência são: condição de *identidade*, de *propósito*, de *dispositivo* e de *finalidade* (CHARAUDEAU, 2010, p. 68).

A condição de identidade se refere a “quem troca com quem”. Ela diz respeito aos aspectos sociopsicológicos que são relevantes na troca, e que variam de acordo com a situação. Nesse contexto, alguns traços identitários interferem na configuração da produção linguageira, na medida em que forem pertinentes ao ato de linguagem.

As condições de propósito e de dispositivo referem-se, respectivamente, ao domínio de saber e às circunstâncias materiais em que se desenvolve o ato comunicativo. O primeiro responde à pergunta “Do que se trata?” e promove o recorte de mundo em universos de discurso. O segundo refere-se ao quadro topológico da troca, ou seja, diz respeito ao ambiente em que se inscreve o ato comunicativo, já que um mesmo contrato de comunicação pode apresentar variantes de acordo com mudanças em seu dispositivo.

A condição de finalidade relaciona-se com o objetivo da troca linguageira. Ela define a expectativa de sentido em que se baseia a troca, e interessa-nos por conta das visadas discursivas, que mostram de que maneira os envolvidos no jogo linguageiro desejam que o outro seja incorporado à sua própria intencionalidade. A condição de finalidade, relacionada ao princípio da influência, está na origem de certas visadas. A seleção do tipo de visada dominante

influencia na determinação da orientação discursiva da comunicação (CHARAUDEAU, 2004, p. 22).

Vários são os tipos possíveis de visadas. Charaudeau (2010, p.69), ao discorrer sobre o discurso das mídias, faz referência a quatro tipos que, segundo ele, mostram-se bastante operatórios nesse tipo de discurso. A *visada prescritiva* relaciona-se ao “fazer fazer”, ou seja, como levar o outro a agir de determinada maneira. A *visada informativa* pretende, como o próprio nome diz, informar algo a alguém que, presumivelmente, não tem um certo saber – consiste, portanto, em um “fazer saber”. A *visada incitativa* consiste em um “fazer crer”; isto é, levar o outro a crer que aquilo que está sendo dito é (ou parece ser) verdadeiro. Em outras palavras, o locutor (Eu) quer “mandar fazer”, mas, como não tem autoridade para isso, precisa fazer o interlocutor (Tu) acreditar que se beneficiará da ação; o Eu trabalha no sentido de incitar a fazer. A *visada patêmica* relaciona-se ao lado emocional, a um “fazer sentir” no outro. Ela procura provocar no Tu um certo estado emocional, agradável ou não, dependendo do objetivo pretendido.

Esse último tipo de visada foi encontrada em diversas passagens do *corpus*, como ilustra a figura 1 a seguir:

Figura 1 – Tristeza sem fim



Fonte: Jornal O Globo, ano XCV, nº 31.457, 22 set. 2019, Rio, p. 12.

Nessa notícia, publicada no dia 22 de setembro de 2019 pelo jornal O Globo, a manchete, além de mobilizar a emoção, emprega um vocábulo desse campo semântico em seu enunciado. O sentimento “tristeza” não somente está explícito no texto e na imagem dos familiares no velório da menina, como também é um efeito patêmico que a instância enunciativa visa a provocar nos leitores. A fotografia da menina sorridente intensifica tal efeito e ainda contribui para a evocação da “comoção” e da “revolta”, também textualmente explícitos. Essa construção discursiva sugere que Ágatha, uma menina cheia de vida, não



merecia ter morrido de forma tão trágica e ainda suscita o clima de medo e insegurança que paira sobre a sociedade carioca.

Amossy (2018, p. 207) explica que o *pathos* pode ser evocado de duas formas: (i) a emoção é mencionada explicitamente, como no exemplo 1 apresentado; (ii) a emoção é provocada sem ser designada, como ilustra a figura 2 a seguir:

Figura 2 – Caso Ágatha pode mudar debate sobre punição a PM



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, ano 99, n.33.045, 24 de set. 2019, p. 01.

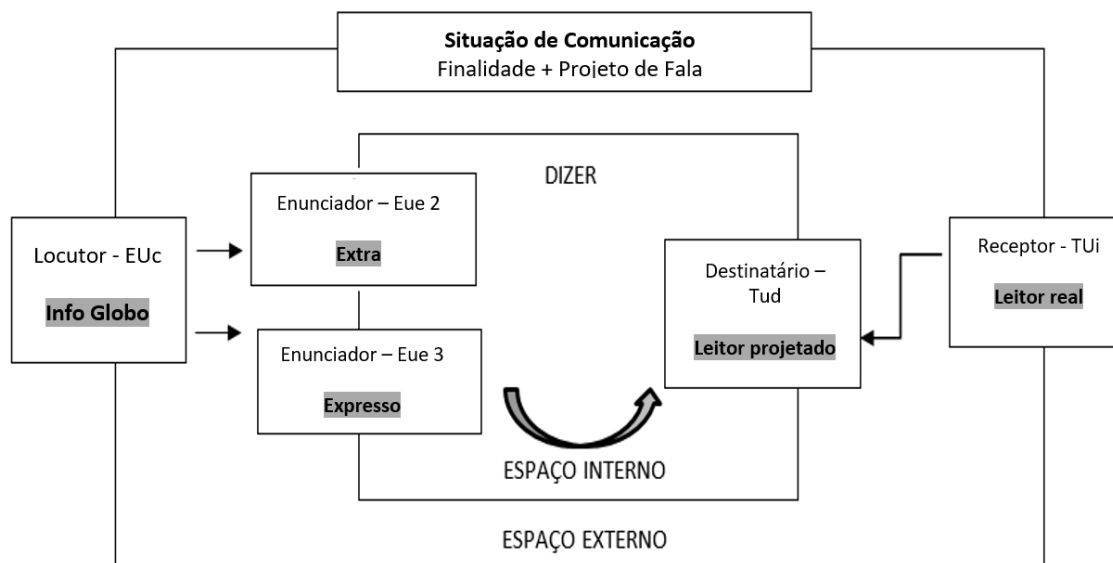
Nessa capa de 24 de setembro de 2019 do jornal Folha de São Paulo, o efeito patêmico é construído pela associação da foto e da legenda “Em enterro no Rio, Vanessa Sales segura a boneca favorita da filha Ágatha, 8, morta com tiro nas costas em ação policial no Complexo do Alemão”. A imagem da boneca e a legenda remetem a uma realidade antitética, em que o brinquedo, que representa a vivacidade infantil, e a evocação da morte são postos em contraste.

Outras visadas são possíveis, como as relacionadas a um “querer saber” (*visada de solicitação*), a um “fazer saber fazer” (*visada de instrução*) e a um “querer mostrar” com autoridade que leva o Tu a um “ter de avaliar” (*visada de demonstração*).

Os dados internos da encenação discursiva, por sua vez, se referem às restrições do ato comunicativo a partir da apreensão e do reconhecimento dos dados externos (CHARAUDEAU, 2010, p. 70). Esses dados externos respondem à pergunta “como dizer?” e abarcam tanto a maneira de falar quanto os papéis languageiros e as formas verbais utilizadas. Charaudeau divide os comportamentos languageiros em três espaços: de locução (corresponde à tomada da palavra pelo locutor), de relação (refere-se às relações de força entre os actantes) e de tematização (organiza, como o próprio nome diz, o tema da troca). A partir dos dados externos e internos, o ato de linguagem se completa pela conjugação do contrato de comunicação, e seu quadro de restrições, com o projeto de fala, que se desdobra em um espaço de estratégias.

A dinamicidade do ato de linguagem e a possibilidade de o sujeito se situar nesse mesmo ato constituem um esquema de representação que considera, como parceiros do ato comunicativo, um EU Comunicante (EUc) e algumas características de um TU Destinatário (TUd). No estabelecimento do ato comunicativo, o EUc constitui-se como EUe (Eu enunciador), e o TUd identifica-se com o TUi (Tu interpretante), podendo aderir, ou não, ao projeto do enunciador. Esse esquema de representação mostra que aquele que fala possui “poder”, ao menos relativo, sobre aquilo que enuncia e sobre o outro. O ato de linguagem apresenta, assim, um caráter dialético, engendrado pelos processos de produção e de interpretação e se torna um ato inter-enunciativo entre quatro sujeitos (CHARAUDEAU, 2009, p 45). Nessa perspectiva, a Info Globo Comunicações Ltda, empresa responsável pelo Jornal O Globo, é tida como o EUc que, por meio do discurso, transfigura-se no EUe, o próprio periódico. Esse sujeito comunicante, a fim de atingir diferentes destinatários, ainda projeta a imagem de outros sujeitos enunciadores, representados pelos jornais Extra e Expresso, mídias que têm como instância receptora indivíduos de classes sociais diferentes, conforme ilustração a seguir:

Figura 3 – Situação de comunicação



Fonte: Charaudeau (2012, p. 52 – Adaptado).

Para a realização do ato comunicativo, há, portanto, que se preencher certas condições, certos princípios. Nos termos de Charaudeau (2013, p.16), todo ato de linguagem emana de um sujeito que se define pelo princípio da alteridade, da interação (em relação a um outro), pelo princípio da influência (de modo a trazer o outro para si) e pelo princípio da regulação (de modo a gerar uma relação na qual os dois possuem seu próprio projeto de influência), a partir do princípio da pertinência (que envolve certos saberes comuns).

Os atos de linguagem, portanto, apresentam uma relação mais ou menos acordada entre os actantes do ato de linguagem, definidora dos aspectos relativos ao plano situacional (onde os atores estão, qual a relação entre eles, sobre o que falam, quais os seus objetivos) e dos aspectos relativos ao plano discursivo (as escolhas lexicais, os modos de dizer, as estratégias discursivas).

Um jogo entre explícito e implícito, que se desenvolve na convergência dos processos de produção e de interpretação, é estabelecido pelo desdobramento dos sujeitos na encenação. Esse esquema pode ser exemplificado com a seguinte passagem do *corpus* estudado:

Figura 4 – Tiro que matou Ágatha veio de PM

## Tiro que matou Ágatha veio de PM, conclui investigação da polícia do Rio

Policial errou ao disparar contra motociclistas desarmados e bala bateu em poste, aponta laudo

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, ano 99, n. 33041, 20 de novembro de 2019. Cotidiano, B5.

Nessa manchete do dia 20 de novembro de 2019, o jornal Folha de São Paulo, simultaneamente, informa o leitor sobre as conclusões do inquérito acerca da morte de Ágatha e acusa a polícia pela tragédia. O enunciador, porém, protege sua face ao atribuir a responsabilidade da conclusão à própria polícia. Em outras palavras, embora o enunciador intente persuadir o interlocutor a fim de que ele compactue com a visão de mundo expressa, o discurso é construído de modo que essa intenção seja apresentada de forma camuflada. Observa-se, desse modo, uma estratégia de discurso estruturada a partir do efeito produzido por um contrato de fornecimento de informação. O jogo entre as visadas de credibilidade e captação entra em cena, com esses dois polos em constante combate, visto as mídias terem a consciência de que, para “tocar” o público, é necessário um equilíbrio que varia de acordo com a natureza dos acontecimentos.

Charaudeau (2009) considera o ato de linguagem uma expedição e uma aventura. Expedição por demandar, do EUC, o uso de estratégias – disponíveis no conjunto de suas competências, mas, por outro lado, passíveis de restrições –, e de contratos, que pressupõem um acordo sobre as práticas languageiras. É, também, uma aventura, pois a encenação, mesmo que bem planejada pelo EUC, pode, ainda assim, ser interpretada pelo TUI de maneira diversa da esperada. Contratos e estratégias podem ser, portanto, usados para convencer e seduzir o outro.

Assim, três problemáticas seriam apresentadas ao sujeito no ato comunicativo. Primeiro, como entrar em contato com outro, ou seja, como passar da posição atribuída pela situação de comunicação (legitimidade) ao processo construído dentro de uma relação (legitimação). Segundo, como se impor ao outro – essa imposição não é coercitiva; é se propor ao outro como uma referência. Em terceiro lugar, como se apoderar do processo de captação: como fazer com que o outro entre em relação com o sujeito enunciador.

Além da situação de comunicação, fazem parte do dispositivo comunicativo a *língua*, que constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas; o *texto*, resultado material do ato comunicativo; e os *modos de organização do discurso*.

Portanto, as notícias, como gênero textual objeto de estudo, podem tanto revelar indícios de mudanças socioculturais nos novos tempos de uma sociedade pós-moderna como, também, serem passíveis de sofrer alterações de natureza vária por conta dessas mesmas mudanças. Como eventos dinâmicos, maleáveis e plásticos (MARCUSCHI, 2005), os gêneros permitem a criação de novos gêneros por meio da assimilação de um por outro. Uma publicação midiática pode, por exemplo, incorporar características do gênero notícia a características do gênero artigo de opinião, de modo a criar um gênero híbrido que melhor conjugue as características

requeridas pela publicação para atingir seus objetivos, como mostram a análise das manchetes, subtítulos, fotografia e legendas selecionadas para discussão neste artigo, as quais passamos a apresentar. Marchon (2011) defende que esses elementos paratextuais orientam a leitura e formam uma hierarquia entre os pontos que os leitores devem considerar relevantes na matéria jornalística.

### **O discurso patêmico em notícias**

O discurso midiático, ao oferecer “visibilidade social”, institui um espaço social e, ao mesmo tempo, reflete-se nele. Isto é, a mídia, se por um lado constrói argumentos que vêm a ser de domínio da opinião pública, por outro, encontra-se perpassada pelos valores culturais compartilhados pelo grupo que tem nela sua expressão. Sob a perspectiva da Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, buscaremos focalizar a voz que está por trás das notícias, cuja situação de comunicação se inscreve em um duplo contrato: um de informação e outro de captação.

No livro “Discurso das mídias”, Charaudeau apresenta os principais *modos discursivos de tratamento da informação*, a saber:

- *acontecimento relatado*: relata-se o que acontece ou aconteceu no espaço público, como notícias e reportagens;
- *acontecimento comentado*: comenta-se o porquê e o como do acontecimento relatado por análises e pontos de vista diversos mais ou menos especializados e justifica-se eventualmente os posicionamentos apresentados, a exemplo dos editoriais e artigos de opinião;
- *acontecimento provocado*: promove-se o confronto de ideias, com o auxílio de diferentes dispositivos, tais como as tribunas de opinião, entrevistas ou debates para contribuir para a deliberação social.

De acordo com esse modelo, a notícia apresenta características do acontecimento relatado, embora a análise dos textos desse gênero revele que o enunciador não se isenta de comentar os fatos noticiados, forjando uma neutralidade apenas ilusória. Sobre essa questão, Charaudeau (2007, p. 19) afirma que “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular de mundo.”. O jornalista, ao relatar um acontecimento, deveria adotar um ponto de vista distanciado e global e propor, ao mesmo tempo, um questionamento sobre o fenômeno tratado. Contudo, a garantia de imparcialidade da notícia é um tanto ilusória, uma vez que não há questionamento nem tentativa de análise que

possa fazer-se fora de um modo de pensamento crítico: toda construção de sentido depende de um ponto de vista particular; todo procedimento de análise implica tomadas de posição.

Dessa forma, quando se pensa na construção discursiva da notícia, duas perguntas são fundamentais: Quais são os princípios da seleção dos fatos? Quais são os modos de recorte midiático do espaço social? Para responder a essas perguntas, apoiamo-nos na classificação de Emediato (2005) que propõe alguns princípios que orientam a construção da informação: *as leis de proximidade*.

A *lei de proximidade cronológica* relaciona-se ao que há de mais novo e atual. Define a informação jornalística no centro da atualidade (o agora), conforme manchete publicada no dia 19 de novembro de 2019, pelo jornal O Globo, que traz novos dados sobre a morte da menina Ágatha Felix, ocorrida cerca de sessenta dias antes. No subtítulo, o aspecto de novidade é evidenciado pelo emprego do advérbio “hoje”, que sugere que o jornal antecipa informações para os leitores, uma vez que divulga as conclusões do inquérito antes que ele tivesse sido entregue à Justiça. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1997, p. 131) o emprego de qualquer unidade léxica – e os advérbios não escapam a esta regra – pode ser considerado, em certo sentido, como subjetivo.

Figura 5 – Inquérito aponta que PM causou morte de Ágatha

## Inquérito aponta que PM causou morte de Ágatha

Polícia Civil entrega hoje resultado de investigação à Justiça. Segundo relatos de testemunhas, cabo confundiu esquadria de janela que homem levava em motocicleta com arma e atirou; estilhaço de bala atingiu a menina



Fonte: Jornal O Globo, ano XCV, nº 31.515, 19 nov. 2019, p. 13.

Pelo caráter atual e pela repercussão social, outras instâncias midiáticas do país e do mundo publicaram, na mesma semana, informações sobre o incidente, como ilustra manchete do *site* americano ABC News:

Figura 6 – Brazil police say cop to blame for 8-year-old girl's death

AMERICAS

### Brazil Police Say Cop to Blame for 8-Year-Old Girl's Death

A police officer fired the shot that killed an 8-year-old girl in Rio de Janeiro this year, authorities said Tuesday, a finding that bolstered complaints by activists that the collateral damage of a crackdown on crime is too high.

By The Associated Press

Fonte: ABC News, 19 nov. 2019.

A *lei de proximidade geográfica* destaca o que há de mais próximo no espaço. Define a informação que implica de modo mais imediato o leitor enquanto membro de uma comunidade, o cidadão no sentido estrito do termo. Seguindo essa lei, antes de o caso Ágatha ganhar repercussão nacional e internacional, o jornal O Globo, com sede e maior circulação na cidade do Rio de Janeiro, reserva um espaço significativo em sua capa para noticiar a morte da menina:

Figura 7 – Morre menina de 8 anos baleada no Alemão



Fonte: Jornal O Globo, ano XCV nº 21.457, 22 set. 2019, p. 01.

A expressão locativa “no Alemão” revela familiaridade do leitor com a região – uma comunidade localizada na área metropolitana do Rio de Janeiro. Ao analisarmos a capa do mesmo dia do jornal Folha de São Paulo, verificamos que o destaque ao caso é menor (não há

foto e nem resumo do acontecimento, como apresentou a outra mídia) e que não há uma informação específica sobre o local da tragédia – a manchete limita-se a informar que o ocorrido foi “no Rio”, conforme ilustração a seguir:

Figura 8 – Ágatha, 8, é a quinta criança morta em tiroteio no Rio



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, ano 99, n. 33043, 22 set. 2019, p. 01.

*A lei de proximidade psicoafetiva* põe em relevo o que há de mais humano, o que toca mais os leitores, criando dois tipos de interesse – o cognitivo (conhecer o novo sobre a base do antigo) e o afetivo (priorizar, na seleção do novo, o que mais toca a paixão do leitor e é capaz de criar ainda uma tensão sobre o antigo). No terceiro dia consecutivo de notícias sobre o caso Ágatha, o jornal Folha de São Paulo traz à tona a acusação feita pelo motorista do veículo que transportava a menina quando ela foi atingida pela bala:



Figura 9 – Tiro veio de policial, afirma motorista da Kombi



Cruzes com nomes de crianças mortas pela violência colocadas no Aterro do Flamengo. Adilson Sobral/Contrasto, Agência O Globo

### **Tiro veio de policial, afirma motorista de Kombi**

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, ano 99, n. 33045, 24 set. 2019. Cotidiano, p. B1.

A revelação de que o projétil teria partido da arma de um policial intensifica o sentimento de revolta que se pretende suscitar no leitor, ao fazer ecoar uma relação paradoxal instaurada entre a polícia e a sociedade – a instituição encarregada de proteger a população é a mesma que a ameaça. A foto lúgubre denuncia ainda que outras crianças, em 2019, tiveram suas vidas ceifadas por balas perdidas no Rio de Janeiro. A associação da imagem e da manchete pode incitar o leitor a questionar se a violência que torna refém a cidade é resultado da negligência da ação policial ou se é por essa ação provocada. Afinal, se o tiro que matou Ágatha foi de responsabilidade de um agente do governo, nada impede que as outras mortes de inocentes também sejam. Foi nessa mesma linha de apelo emocional, aliás, que esse periódico publicou a primeira notícia sobre o caso, no dia 22 de setembro de 2019:

Figura 10 – Bala perdida mata mais uma criança no Rio e gera protestos

## **Bala perdida mata mais uma criança no Rio e gera protestos**

Ágatha Félix é a 57ª criança morta desde 2007; neste ano, outras 4 morreram



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, ano 99, nº. 33.043, 22 set. 2019. Cotidiano, p. B2.

Nesse tipo de construção, destacamos a estratégia de delimitação, operação que marca a extensão semântica das entidades por meio dos delimitadores discursivos, atualizados por vários tipos de determinantes textuais, efetivados linguisticamente por artigos, numerais e pronomes (indefinidos, demonstrativos e possessivos). No exemplo em tela, o emprego dos

numerais “57<sup>a</sup>” e “4” alude à expressiva quantidade de crianças que morrem por conta de balas perdidas no Rio de Janeiro. A operação de delimitação ainda pode ser materializada imageticamente: a foto revela um número considerável de pessoas participando do protesto anunciado pela manchete. Marchon (2011) defende que os elementos paratextuais orientam a leitura e formam uma hierarquia entre os pontos que os leitores devem considerar relevantes na matéria jornalística, promovendo um recorte específico do espaço social. Seguindo essa linha de raciocínio, a foto que acompanha a notícia pode ser compreendida como um apelo ou uma acusação: as pessoas que participam do protesto não só lamentam a morte de Ágatha, mas também pedem que as autoridades poupem as vidas dos moradores das comunidades.

Considerando, portanto, que a significação discursiva é fruto da relação entre forma e situação sócio-linguística, e aceitando que a evocação do *pathos* se firma em marcas linguísticas diretas ou em índices discursivos indiretos, buscamos, pois, discutir a neutralidade ilusória que perpassa o discurso jornalístico.

### **Palavras finais**

Vários estudiosos discutem a neutralidade ilusória que permeia os gêneros jornalísticos, como Landowski (1989), que afirma que o texto jornalístico é uma forma objetivante de narrar o cotidiano, mas que necessariamente passa pela forma subjetivante imposta pela constituição de um discurso. Assim, as notícias que inundam os periódicos diários são textos que representam relatos de acontecimentos, ou seja, textos que veiculam uma interpretação de quem os relata, denunciando a presença de um sujeito que atravessa a relação linguagem-mundo.

Nas análises apresentadas das notícias referentes à morte de Ágatha Félix, foi possível detectar possíveis interpretativos a partir do reconhecimento de índices enunciativos de subjetividade em um gênero discursivo tido como informativo e objetivo. Esses fatores condicionantes contribuem para explicitar as regras que norteiam o contrato de comunicação midiática: informar e captar o leitor. Para satisfazer as regras desse duplo contrato, cada jornal, balizado pelo perfil de leitor que deseja alcançar, recorta o espaço social guiado pelas leis de proximidade (geográfica, cronológica, psicoafetiva), que determinam tanto a escolha temática das matérias quanto o espaço reservado para cada assunto.

A adesão do outro no discurso midiático pode ser alcançado de diversas maneiras. Nesse artigo, buscou-se investigar alguns recursos patêmicos utilizados por jornais de grande circulação para enredar seu leitor. Em especial, analisamos elementos paratextuais (manchete, subtítulo, foto e legenda) em que foram empregadas palavras que nomeiam as emoções que o enunciador visa a despertar nos leitores, bem como enunciados em que tais emoções são

evocadas indiretamente, por meio da construção discursiva de uma cena, como a associação das imagens contrastantes do sorriso da menina morta e da lágrima da família durante a cerimônia de sepultamento. Esses recursos, sejam eles verbais ou não verbais, entendidos como efeitos de sentido, são voltados para a sedução do outro por meio da evocação dos sentimentos como componentes de um processo de dramatização. A idade de Ágatha Félix – 8 anos – e as circunstâncias de sua morte – atingida nas costas por uma bala perdida durante ação policial no Rio de Janeiro – por si só já se configuram como um acontecimento trágico protagonizado por uma criança. O tratamento linguístico-discursivo que as mídias imprimem no processo de transformação do fato em notícia pode não só intensificar essa carga emocional como suscitar outras emoções.

### Referências

- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. SP: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BARBON, J. Tiro que matou Ágatha veio de PM, conclui investigação da polícia do Rio. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.041, 20 de novembro de 2019. Cotidiano, B5.
- BARBON, J.; ALECRIM, M. Tiro veio de policial, afirma motorista de Kombi. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.045, 24 de setembro de 2019. Cotidiano, p. B1.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. Tradução: Renato de Mello. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.). **Gêneros: reflexões em Análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD, FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.
- CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias**. Tradução de Ângela Maria da Silva Correa. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa; Ida Lúcia Machado. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHARAUDEAU, P. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. p. 57-78.
- CHARAUDEAU, P. **O discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu; Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, P. MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

JEANTET, D. Brazil police say cop to blame for 8-year-old girl's death. **ABC News**. 19 novembro de 2019. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/International/wireStory/brazil-police-officer-fired-stray-bullet-killed-girl-67139004>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

EMEDIATO, W. O problema da informação midiática entre as ciências da comunicação e a análise do discurso. In: MACHADO, I. L., SANTOS, J. B. C.; MENEZES, W. A. (Orgs.). **Movimentos de um percurso em análise do discurso** – Memória Acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/UFMG, 2005.

INQUÉRITO aponta que PM causou morte de Agatha. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, ano XCV, nº 31.515, 19 nov. 2019, Rio, p. 13.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La enunciación**: de la subjetividad en el lenguaje. Tradução de Gladys Ânfora e Emma Gregores. Buenos Aires: Edicial, 1997.

LACERDA, L.; PAMPLONA, N. Bala perdida mata mais uma criança no Rio e gera protestos. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.043, 22 de setembro 2019. Cotidiano, p. B2.

LANDOWSKI, E. **La société réflexive**. Paris: Seuil, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes/Ed. Unicamp, 1997.

MARCHON, A. H. **A ação coadjuvante do leitor na produção do discurso midiático**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2011.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MORRE menina de 8 anos baleada no Alemão. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, ano XCV, nº 31.457, 22 set 2019, Rio, Primeira Página 01.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editora, 2015.

TRISTEZA sem fim: Morte de menina de 8 anos por bala perdida no Alemão causa comoção e revolta. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, ano XCV, nº 31.457, 22 set. 2019, Rio, p. 12.

### **Sobre as autoras**

*Amanda Heiderich Marchon* ([Orcid iD](#))

Doutora e mestra em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia. Realiza estágio de pós-doutorado em Estudos da Linguagem na Universidade Federal Fluminense (UFF).

*Claudia Maria Sousa Antunes* ([Orcid iD](#))

Doutora e mestra em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); graduada em Letras - Português e Literaturas pela UFRJ. É professora da Universidade da Força Aérea (UNIFA).

Recebido em março de 2020.

Aprovado em junho de 2020.